

## O CORTE E A CORTE DO MACHADO

**Sérgio da Fonseca Amaral**  
Ufes

**Resumo:** Apresentarei algumas das recepções de Machado de Assis realizadas ao longo de 100 anos, criadoras e constituintes de uma obra permanente ante públicos diversos, movidas por interpretações de uma escrita provocadora de diferentes tomadas de posição crítica e ideológica frente à sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. História. Recepção.

**Abstract:** Je présenterai une partie des réceptions critiques de Machado de Assis, effectuées pendant 100 ans, créatrices et constitutives d'une œuvre permanente devant publics divers, mis en mouvement grâce à les interprétations d'une écriture qui provoque différents positionnements critiques et idéologiques face à la société brésilienne.

**Mots-clés:** Machado de Assis. Histoire. Réception.

Comemorar 100 anos do desaparecimento de um escritor significa, antes de mais nada, que o autor não morreu. Contudo, neste ano de 2008, estamos voltados para o centenário da morte de Machado de Assis. Pensei, inicialmente, em fazer um trabalho comentando o teatro machadiano. Mas, lendo as peças, resolvi abandonar o projeto: primeiro, são trabalhos menores e a importância maior do autor reside em outras produções; segundo, diante da escolha de se fazer uma análise fechada dos textos ou de uma leitura comparativa com o teatro da época, renunciei às duas propostas, pois creio que o autor sairia perdendo. Dessa forma, não cumpriria o papel esperado para este evento. Por outro lado, falar apenas da

biografia de Machado de Assis, ou, por assim dizer, o que foi o homem, pouco acrescentaria aos costumeiros levantamentos retroativos para se tentar compreender a obra através da pessoa. Ora, homenagear um escritor requer falar do autor, por conseguinte, a marca Machado de Assis representa mais do que a vida de um indivíduo, mas a de uma escrita. Dessa forma, ao retomar a biografia de um escritor pretende-se recuperar, e discutir, leituras constituintes da esfinge Machado, provocadas, e evocadas, ao longo do tempo, consolidando, mas também, por vezes, colocando sob suspeita suas criações literárias, como veremos a seguir.

Machado notabilizou-se como ficcionista, além de ter sido poeta, dramaturgo, cronista, crítico, epistológrafo e... letrista de música – portanto um polígrafo. Aqui, interessa o ficcionista, cujo largo espectro nos faz entender melhor o aspecto provocante de uma obra exposta às controvérsias críticas. Quando falamos em Machado, pensamos imediatamente na sua obra ficcional. Cada momento da recepção assinala um Machado e um leitor, uma maneira de ler e uma maneira de ser Machado. Talvez a dificuldade maior em entender qualquer autor esteja nesse ponto: ao procurar precisar uma leitura, pode-se ficar refém da exigência de lê-lo como ele pretensamente haveria escrito. Contudo, há maneiras difusas que se entrecrocaram em relação a qualquer escritor, pois as leituras são conflitantes exatamente porque não há leitores em abstrato, mas representativos de interesses particulares. Haverá tantos Machados quantas representações sociais de leitores existirem. Ou de interesses sociais motivados para haver uma determinada interpretação. Assim sendo, destaquei algumas leituras críticas sobre Machado de Assis realizadas no aludido período de 100 anos, que dirão bastante do porquê de estarmos aqui hoje, ouvindo e falando sobre um escritor cuja reflexão ficcional parece conter e revelar o enigma de um país, constituindo-se, assim, ele próprio um enigma. Tais leituras por vezes foram contundentes, tanto para elogiá-lo, quanto para atacá-lo. Em síntese, é um escritor emblemático produzido

pela cultura brasileira, além de representar uma contradição viva da sociedade que o gerou. Comemorar a sua morte revela o autor estar bem vivo e passar bem.

As épocas lêem de acordo com seus juízos e seus esquemas de valores e circunscrevem uma dada maneira de viver teórica e praticamente. Logo, é lícito imaginar a recepção de um escritor como condicionada a tais variáveis temporais. Uma dada comunidade, num certo tempo e espaço, recebe, interpreta, avalia, julga, aceita ou repudia uma obra sob determinados paradigmas de crenças. Os tão decantados valores imortais de uma obra ou autor dependem menos do texto do que de seus intérpretes. Um crítico, por princípio, deve ser um leitor mais aparelhado. A seu modo, e aí reside a marca própria, traduz um juízo de um tempo sobre um escritor em questão. Legitimado para cumprir um papel no contexto social de pensamento, portanto, desencadeador de uma leitura que, necessariamente, exige do lido um direcionamento teórico e prático, tal abordagem, por isso mesmo, estará apta a representar um conjunto de idéias; não só as do crítico, mas também de uma parcela representativa da comunidade de leitores. Sintetiza as vozes e inquietações de um dado momento. Quanto a isso José Veríssimo já nos chamava a atenção, no início do século XX, na introdução de seu livro *História da literatura brasileira*, de 1912:

Parece um critério, não infalível mas seguro, de escolha, a mesma escolha feita pela opinião mais esclarecida dos contemporâneos, confirmada pelo juízo da posteridade. Raríssimo é que esta seleção, mesmo no Brasil, onde é lícito ter por menos alumiada a opinião pública, não seja ao cabo justa, e só os que lhe resistem são dignos da história literária. Não pode esta, a pretexto de opiniões pessoais de quem a escreve, desatender à seleção natural que o senso comum opera nas literaturas.

Como se vê, o crítico reconhecia haver no seu trabalho uma

pregnância de seus contemporâneos. As leituras e interpretações sucedem-se e, por vezes, chocam-se, contradizem-se, ou, por outra, uma ponta se laça a outra em grandes saltos de tempo que se reencontrariam. Contudo, cada momento histórico e cada comunidade fazem uma leitura singular dos textos a lhes ser propícios receber. Dessa forma, enfeixando algumas das leituras feitas sobre Machado, pretende-se traçar e entender um percurso e uma imagem de um autor como uma singularidade constantemente criada, repensada, revalidada e legitimada socialmente.

Partirei de um perfil público de Machado, já famoso no final século XIX, do qual Silvio Romero (1851-1914), já destoante, nos dá notícias e sobre o qual procura analisar sob uma outra medida, num livro intitulado *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*, publicado em 1897. Com variantes, atenuantes e inversões, o pensamento crítico de Silvio Romero permanece até os dias de hoje. Primeiro, pretendia ele aparar as arestas do exagero dos elogios; segundo, tratava-se de avaliar a obra do ficcionista em relação ao universo social e político brasileiro; e, terceiro, dentro de uma lógica de combate, cobrar uma tomada de posição sobre as questões nacionais. Se, antes da morte de Joaquim Maria Machado de Assis, a exigência, no calor da hora, era no sentido de atacar o ficcionista naquilo que representava, ideologicamente, a manutenção do atraso brasileiro ante a premência da modernização e do pensamento científico, futuramente, como topo do cânone, em nome de uma arte pensada como puro pensamento crítica-se o autor por atenuar as desigualdades sociais dentro da representação ficcional, num crítico como Flávio Koethe, por exemplo, que veremos mais adiante. Mas, retornando, é interessante observar a forma irritada, impaciente, impiedosa, mesmo, como Silvio Romero aborda Machado de Assis. No entanto, para o crítico elucidar aquilo que ele considera o verdadeiro escritor tem de atravessar a fama do autor já firmada pelo consenso da opinião pública e da crítica. Para isso, paga o tributo necessário, destacando, inicialmente, as qualidades do autor e do seu

talento. Aos poucos, porém, no desenrolar do ensaio, chega ao ponto de interseção cujo vértice é o contraponto entre um estudo sério, o seu, e as considerações elogiosas fáceis, para inglês ver. Não entrando no mérito da questão, essa é a senha para Silvio Romero demarcar a escrita de Machado de Assis, compará-lo com escritores da Escola de Recife, de onde ele próprio era originário, e analisá-lo sob a ótica de uma crítica que se queria científica (evolucionista), procurando situar na justa medida o homem, a obra e a sociedade. Tal entendimento era um esforço concentrado de, ao mesmo tempo, escapar da tradição retórica brasileira e de compreender racional e modernamente o papel, a contribuição, o valor e o poder de persuasão da obra do escritor Machado de Assis na sociedade brasileira. Não estava em questão apenas uma apreciação estética, beletrista, de um autor. O exame de Machado feito por Sílvio Romero passa pelo tripé: biografia, obra e meio social. Segundo a análise proposta, esse modelo interpretativo explicaria e colocaria o autor no devido patamar do panteão dos escritores.

Assim sendo, podemos destacar algumas categorias escolhidas pelo analista para compreender o ponto de vista de uma crítica fundada em “sóbrias observações solidamente racionais” e que hoje percebemos facilmente o quão frágil são os seus fundamentos. Na avaliação do crítico, pouca coisa fica de pé, pois a ficção do autor é medida, comparada, corrigida, reescrita segundo a necessidade de significar algo compromissado de antemão. Portanto, existem modelos e conceitos a priori sobre o que a ficção deve obedecer. A escolha do crítico, para julgar a ficção do autor, recai em quatro tópicos: estilo, humor, pessimismo, tipo.

Com os quatro elementos destacados acima, o crítico procura desancorar o autor fluminense. Estabelece uma simetria entre a escrita do autor com a fala acometida de gagueira, como se

uma fosse reversível na outra<sup>4</sup>. No famoso humor machadiano, o crítico não vê graça nenhuma. Quanto ao pessimismo, seria esse de fancaria, copiado de ingleses e alemães com veleidades de profundidade. Sílvio Romero, no entanto, destaca Machado no que ele teria de criador de tipos e lamenta o autor não ter se dedicado mais a tal característica por impregnar os personagens de uma cor tipicamente local. Logo, vê o escritor como um legítimo narrador em que o nacional (ou local) se afigura como um traço forte<sup>5</sup>, em detrimento do universalismo pontuado por José Veríssimo (mais tarde aceito). Não na recorrência ao típico ou ao exótico, mas na captura do característico, porém abstrato, da gente brasileira. No saldo, Sílvio Romero coloca Machado de Assis abaixo da opinião geral, pois, para ele, o escritor andava em desacordo com, pelo menos, duas ordens: o projeto artístico era de menor monta do que se dizia, e as idéias do autor poderiam ser mais influentes na sociedade brasileira desde que permanecesse como pintor da alma nacional e não se metesse a copiar características alheias, como as filosofadas humorísticas e pessimísticas. Observe-se ainda o crítico não separar as já famosas duas fases do escritor como se fosse uma gritante ruptura, mas como uma continuidade natural de uma na outra.

Como se vê, a crítica romeriana tinha um tom normativo ao vincular o trabalho do escritor ao papel da literatura na sociedade. Mesmo assim, ou apesar disso, a análise de Sílvio Romero, como todos os críticos da época, ainda permanecia,

---

<sup>4</sup> “O estilo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata de seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. [...] Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Sente-se o esforço, a luta. ‘Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como fazem outros na palavra falada’, disse-me uma vez não sei que desabusado num momento de expansão, sem reparar talvez que dava-me destarte uma verdadeira e admirável notação crítica.” Sílvio Romero. *Machado de Assis*, p. 122.

<sup>5</sup> Ver páginas 64, 65 e 66. Op. cit.

a despeito de se proclamar científica, desconhecendo a relação texto/contexto, mesclando autor, obra e mundo social sob um mesmo padrão de interpretação. Ou, de outra maneira, associava-se, e ainda hoje se repete o mesmo preceito, imediatamente as disposições do escritor às linhas do texto.

Em seguida, passo, de forma breve, ao crítico e historiador da literatura José Veríssimo (1857-1916). Embora falando de Machado numa clave diferente, e até inversa à de Sílvio Romero, há pontos de contato entre esses dois analistas do final do século XIX e início do XX. Enquanto Sílvio Romero desqualifica Machado, José Veríssimo o aponta como o ápice da criação literária no Brasil. Romero, submetendo o escritor à rigidez do ponto de vista de que arte, meio social e, sobretudo, raça andam *pari passu* e são os fatores determinantes para explicar uma produção estética, entra em confronto com Veríssimo que julga um escritor a partir do olhar estilístico e beletrista. Nesse sentido, os torneios das frases e todo o arcabouço lingüístico gramatical figuram como importantes recursos para fazer da obra de Machado uma grande obra de arte da literatura brasileira. Ou seja, o aspecto vernacular sobressai-se sobre o literário. Logo, Veríssimo encontra uma outra forma de explicar a arte literária para julgar positivamente Machado. Passa também pelos critérios destacados por Romero, como estilo, humor, pessimismo, tipo. Porém, ao contrário daquele, esses se lhes afiguram como sobejamente realizados pelo nosso autor, como podemos deduzir do seguinte louvor: “Ninguém na literatura brasileira foi mais, ou sequer tanto como ele, estranho a toda espécie de cabotinagem, de vaidade, de exibicionismo.” (*História da literatura brasileira*, p. 393).

Dois representantes da crítica naturalista, apesar de partirem de vizinhas fontes teóricas e conceituais, terminam por desfechar considerações analíticas diferentes sobre Machado. Crítica nascente, pretendendo assentar-se em bases científicas, traçou um perfil de Machado de Assis que será revisto e revisado posteriormente. Contudo, ao final alavanca e propaga o nome do escritor para ser solicitado mais a frente pelos novos críticos

a vir.

Um nome importante da crítica da primeira metade do século XX é o de Lúcia Miguel Pereira (1901-1959). (Lúcia, também biógrafa e romancista, morre em 1959 num acidente de avião). Após a fase que podemos dizer inicial da crítica brasileira, Lúcia retoma Machado sob outros parâmetros. De formação católica, ela entra em confronto com as críticas chamadas sociológicas e vai buscar no aspecto biográfico e psicológico as bases para se calçar e entender Machado de Assis, o homem e a obra. Isso é feito num livro monumental intitulado *Machado de Assis*, em 1936. Aí, pretende projetar um quadro psicológico por intermédio de dados biográficos para interpretar a obra. Ou, quiçá, o contrário: a partir da obra falar do homem. Tal empreitada merece da autora um emaranhar-se em todas as fases da vida do escritor desde a infância até à velhice. Quando há falta de documentos, o próprio texto ficcional de Machado serve de base para se traçar o perfil; quando há o testemunho documental este serve de apoio para se interpretar o texto ficcional. Como se pode ver, tal crítica, se não fundou, pois já vem de antes, ganha na autora um sistema acabado de relacionar imediatamente psicologia, traço biográfico e ficção<sup>6</sup>. Que faz fortuna até os dias de hoje. Semelhante crítica também plantava um pé no discurso científico, dessa vez não mais no determinismo, positivismo ou evolucionismo do período naturalista, mas na psicologia. Nesse sentido, Lúcia Miguel Pereira, juntamente com Augusto Meyer (1902-1970), proporcionará uma ruptura com a crítica anterior, libertando Machado da concepção oficial da leitura voltada apenas para as articulações entre homem e meio. No caso de Meyer, há, além disso, uma clareza em relação à importância do leitor para a sobrevivência de um autor, pois como ele próprio afirma *impossível imaginá-lo senão em andamento no tempo, avultando*

<sup>6</sup> “Pelo que conhecemos da sua vida, *Dom Casmurro* – a sua única história de amor – deve ser aquela em que Machado nada pôs de autobiográfico. Mas será mesmo? Essa única exceção numa obra tão grande, e quase sempre tirada de dentro do autor, será possível? Além dele, só *Ressurreição* não parece encerrar nenhuma confissão.” *Machado de Assis*, p. 238.

*ou decrescendo de importância, quase esquecido às vezes, para ressurgir mais tarde, transfigurado à imagem de outras gerações.* Essa nota dá o tom para a guinada da crítica que estava se operando.

Contudo, devemos não nos esquecer que as leituras de uma época se fazem em confrontos diretos, encontros e desencontros umas com as outras. Além disso, uma época posterior termina por se defrontar com as anteriores, corrigindo, revisando, acrescentando e suprimindo.

Por isso, para melhor mapear algumas das principais leituras estabelecidas sobre Machado nesses 100 anos, recorreremos ao artigo “Esquema de Machado de Assis”, de Antonio Candido, publicado em *Vários escritos* em 1970. Segundo o crítico, pode-se rastrear um certo esquema de leitura da obra de Machado. Além daquelas acima destacadas, ou seja, a ironia e o estilo como linguagem refinada; o pessimismo expresso por uma “filosofia” ácida, mas acessível a todos; o dado biográfico da discrição, da reserva e da urbanidade, Antonio Candido rastreia os seguintes assuntos levantados a partir da obra de Machado:

- 1 – o problema da identidade (quem sou eu? O que sou eu? Em que medida existo por meio dos outros? Haverá mais de um em mim?). Aí reside a questão do desdobramento da personalidade (“O espelho”) ou da loucura (“O alienista”);
- 2 – a relação entre fato real e fato imaginado, em que o ciúme é o impulso central. Como exemplo, a leitura de *D. Casmurro*;
- 3 – qual o sentido de um ato praticado? Tema tratado em *Esau e Jacó*;
- 4 – a temática da perfeição, a aspiração ao ato completo. Um exemplo seria o conto “Um homem célebre”;
- 5 – há diferença entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto? Ver *Memórias póstumas de Brás Cubas*;

6 – a transformação do homem em objeto do homem, ou seja a exploração econômica, social e espiritual. Tema caro ao próprio Antonio Candido e tem na filosofia do Humanitismo o melhor exemplo.

Como se percebe, há um andamento das leituras sobre Machado. Claro está que tal esquema não significa um processo evolutivo em linha reta das interpretações feitas, mas ajuda a esclarecer como um escritor vai sendo “criado” ao longo de um tempo, das épocas e das comunidades de leitores.

Vindo um pouco mais para frente, podemos destacar três situações de leituras sobre Machado. Uma tem como suporte metodológico a teoria do efeito estético. O maior representante no Brasil é Luiz Costa Lima. Uma outra filiada à tradição marxista, e a Antonio Candido, pode ser chamada de crítica dialética, aqui representada por Roberto Schwarz. A terceira, também filiada à tradição marxista, pode ser apelidada, na falta de um termo melhor, de crítica radical ou de esquerdista, destaquei Flávio Koethe como o seu expoente.

É interessante notar que as três críticas têm como mote a articulação entre mundo social e ficção, a diferença será acentuada pelo método utilizado. No primeiro caso, Costa Lima, embora não tenha dedicado nenhum livro específico ao autor, por outra escreveu alguns ensaios, analisando algumas de suas produções ficcionais, inclusive o conto “O alienista”, a ser lido aqui hoje. Não deixa de avaliar um caminho antes percorrido pela crítica brasileira para balizar a sua interpretação. Costa Lima procura afastar de si duas vertentes opostas: a análise imanente e a transcendente do texto literário. Seus ataques mais contundentes vão contra o sociologismo, de marxistas ou não marxistas. Desse modo, o conceito-chave de sua obra é o de *mímesis*, cuja reinterpretação vem perseguindo ao longo da vida, na qual procura dessubstancializá-la. Isso significa dizer que, ao se deparar com um objeto de arte, o sujeito tanto encontra, quanto põe experiência estética. Nesse caso, nem o mundo é apenas representado, negando as análises

sociológicas, ou a obra basta a si mesma como estilo, ou artefato lingüístico, rebatendo as considerações imanentistas. No livro *Dispersa demanda*, de 1981, há um capítulo dedicado a Machado intitulado “Sob a face do bruxo” que dá um pequeno exemplo de tal prática de leitura. Usando o conceito de alegoria, tomado de empréstimo a Benjamin, para estudar os romances do autor, demarca claramente a historicidade da obra de arte e, conseqüentemente, de Machado. Ou, como afirma o crítico,

[...] à medida que a consciência da historicidade da interpretação dos objetos literários constitui uma das bases da maioria das teorias contemporâneas da literatura, os escritores ‘alegóricos’ se tornam favorecidos. O interesse que hoje Machado desperta não é pois uma prova da perenidade da arte, mas apenas que sua poética [...] tornou-se para nós privilegiada. (p. 77).

Portanto, a posição de Costa Lima toma como princípio norteador de leitura da obra de Machado o seu lugar no tempo histórico, porém não como representação social, ou traços biográficos ou psicológicos, nem o estilo, nem apenas o aspecto intrínseco da obra, ou a forma, mas na articulação entre o fictício e a realidade histórica determinada.

Com Roberto Schwarz, a crítica marxista dialética ganha um ponto alto na análise do texto literário e machadiano. Schwarz, em conformidade com o seu mestre Antonio Candido, procura estabelecer o nexos preciso entre ficção e realidade, forma e conteúdo, texto e contexto. Nessa dialética, num diálogo permanente, traça o perfil do autor e da sociedade de onde emana a obra. É o caso de citar os livros *Ao vencedor as batatas* (1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), cujas análises, respectivamente, dos primeiros romances machadianos e de *Memórias póstumas* demonstram tal articulação.

Entretanto, para o interesse desta apresentação, é forçoso destacar que os dois críticos mencionados partem tanto das teorias reconhecidas contemporaneamente, quanto de

uma tradição crítica existente no país para alçar novos vôos nas leituras de Machado. Independente das diferenças e embates que uma tenha entrado com a outra, os dois críticos reconhecem um lugar maior de Machado, e nisso seguem a corrente da tradição, no cânone da literatura nacional.

O último a ser listado aqui, Flávio Kothe, procura destoar daqueles que ele considera os críticos canonizantes. No seu livro, *O cânone imperial* (2000), precedido por *O cânone colonial*, passa em revista os escritores da historiografia literária para atacar toda a construção da literatura nacional. A alegação é de que o critério utilizado para isso foi a conveniência ideológica. Os escritores consagrados, já por si uma marca ideológica, transformaram-se em tabus de par com as suas presenças nas antologias escolares. Por isso ele aponta para a desconstrução do cânone e da crítica. Seu critério de reavaliação pretende defender a literatura como arte. Vejamos se assim se procede. No livro há três capítulos dedicados a Machado. No primeiro, “Machado e o negro”, as formulações sobre o autor baseiam-se na clave biográfica, psicológica e sociológica da velha crítica. Numa torção histórica vislumbramos a sombra de Sílvio Romero. É interessante observar, lembrando-nos de Marx, de como a história retorna. Além, das mencionadas claves, há erros de informação, e uma deliberada anacronia nas “análises” dos textos machadianos. Como exemplo, tomemos o comentário do crítico sobre o capítulo XCII de *Dom Casmurro* durante uma conversa de Bento com Escobar sobre a fazenda da família de Bentinho:

Aí se evidencia a riqueza de Bentinho, a sua posição de classe. E ele é também o narrador. Sob a aparência de mostrar a cordial simpatia de Escobar, o narrador quer demonstrar a intrínseca falsidade dele; sob a aparência de dar a palavra ao escravo, faz com que a sua fala mostre o seu espírito subalterno. Dá-se a fala para melhor calá-lo. É manifesto o conformismo do escravo com a sua humilde situação: quem assim “aceita” ser escravo, como que merece a escravidão.

Ele “é” porque “merece”, porque “quer”, porque nem pensa em outra situação: ele não é assim porque isso lhe foi imposto. *Seria ingênuo esperar do preto* que ele pudesse ser melhor do que o senhor branco que o explorava. Machado procura *provar* que o senhor branco é melhor, sem ver em um o espelho do outro, o retrato avesso. [...] *Dom Casmurro* é, de modo típico, escrito da perspectiva de um senhor de escravos e herdeiro da oligarquia latifundiária: não há um estranhamento quanto a isso. [...] O narrador provém de uma família de latifundiários e donos de escravos: automaticamente é o dono da palavra. [...] Ele é o senhor do dinheiro, dos destinos, do discurso. [...] Aí se mostra de modo representativo o gesto semântico do cânone brasileiro, a sua coesa perspectiva senhorial. (Pp. 472-3. Grifos meus).

Não me alongarei mais nas citações e considerações do crítico. Basta dizer que as seqüências de análise obedecem ao mesmo paradigma. Como se pode depreender, a crítica é radical. Mas, há um problema nela: estreitar demais as relações entre ficção e mundo social. Não basta dizer as palavras mágicas – narrador, gesto semântico etc. – para que a análise faça a mediação necessária entre uma instância e outra. Koethe só leva em consideração as informações historiográficas sobre a situação social brasileira do séc. XIX, não se preocupa em interrogar mais de perto a trama ficcional. Tudo para justificar a defesa de uma tese. Nesse sentido, encontra-se com Sílvio Romero: para ajustar a teoria precedente ao objeto a análise perde seu rigor e direção e torna-se um julgamento *a posteriori* de quem se quer condenar. Ou seja, a ideologia do crítico se hipertrofia em relação ao objeto ficcional. Contudo, para encurtar, poderíamos fustigar o crítico e perguntar de onde pôde ele alimentar os ataques frontais. Pois, mesmo contra si mesmo, o texto machadiano oferece elementos para que se deitassem palavras sobre o escravo, percebesse a situação de classe do narrador e a situação desproporcional em tal relação de poder.

Finalizando, estão aí, em linhas bem gerais, algumas das recepções de Machado e de sua imagem paulatinamente construída ao longo desses 100 anos, o que prova o autor não estar morto.

Espero ter deixado claro como um autor situa-se além dele mesmo, em conjunto, primeiro com a rede social que estabelece a importância de um escritor, pois ao se privilegiar um em detrimento de outro entra em questão uma série de componentes, interesses históricos e valores sociais; segundo, de como a marca de um escritor *Machado de Assis*, por exemplo, solicita um certo panorama de recepção por ser socialmente construída, fundando expectativas de leituras dentro de um quadro ficcionalmente determinado.

**Recebido em 27/07/2008**  
**Aprovado em 29/08/2008**